



ACTUAL

Nº 1964 | **Expresso**

19 JUNHO 2010

VLADIMIR NABOKOV

FRANÇOIS TRUFFAUT

NATALIE MERCHANT

CINE PARAÍSO

VICTOR HUGO PONTES

ROBERTO ESPOSITO



P8
UM PALHAÇO
GENIAL

**TO
CH
AS**

PEDRO TOCHIAS

O mundo não é igual
para todos. E o de Pedro
Tochas está cheio

O

de histórias, risos e
malabarismos com os
objectos mais improváveis

MELHOR PALHAÇO DO

Textos Cláudia Galhós

Fotografias Jorge Simão

MUNDO



UM CONTADOR
DE HISTÓRIAS
QUE ADORA
BRINCAR AO
FAZ-DE-CONTA

“Eu vou ser a pessoa que pesca a vaca.” Pedro Tochas não está no palco, nem na rua. Não está vestido de Palhaço Escultor, não tem o nariz vermelho, nem está a fazer *stand up comedy*. Frente a ele estão trabalhadores de uma empresa. Para aquele dia estava agendada uma palestra com um convidado que não sabiam quem era. E eis que surge Pedro Tochas, a provar que o riso contribui para o aumento da produtividade e que é importante aprender a pensar fora da caixa. O tema do discurso de motivação é: “Ser sisudo não é sinal de competência, é só sinal que se é sisudo.” O que parece óbvio nem sempre se vislumbra com facilidade. Mas ele insiste.

O cabelo nunca mais se recompôs. Continua indomável, a completar a imagem de marca de Pedro Tochas. Quando passa na rua, pedem-lhe autógrafos, querem tirar fotografias com ele. Mas a fase do “tou que nem posso” já passou. A frase que se entranhou com o anúncio que fez para as águas Frize foi agora substituída por uma nova campanha. Ele que repetidamente insiste em chamar cão à sua cadela, de nome “Pipoca”, aparece agora na televisão em camisa-de-forças e a chamar surda à garrafa de água quando esta não reage à ordem que lhe dá: “Salta, salta, salta para o copo.” O cabelo, a cadela, a camisa-de-forças... são apenas alguns detalhes do mesmo espírito de quem gosta de rir de si próprio. E assim faz rir os outros. Este é o mesmo Pedro Tochas que foi descrito como “o melhor palhaço do mundo” por um jornal australiano. O contexto foi o da participação, durante cerca de um mês, no maior festival de comédia da Austrália, em Melbourne. Já esteve no Dubai, este mês tem espectáculos na Croácia e na Irlanda, e ainda vai passar pela Escócia e pela Alemanha. Entretanto, enquanto vai estando por Portugal, recolhe material para o seu próximo espectáculo e vai dando palestras de motivação.

Pedro Tochas está frente a um grupo de empregados de uma empresa. Desta vez, a comunicação sobre a paixão pelo trabalho vem pela voz de um comediante. Ninguém estava à espera. “O mundo não é igual para todos”, diz Pedro Tochas. E conta uma história que lhe aconteceu a ele — porque todas as histórias que conta lhe aconteceram, supostamente, a ele: “Há uns anos fui à Nova Zelândia participar num festival. Era a primeira vez que estava no outro lado do mundo e decidi ficar mais uns dias para conhecer o país. Paguei esse tempo extra que o festival não cobria. Acaba o festival, estou pronto para conhecer a Nova Zelândia e apanho o maior temporal dos últimos 50 anos. Tempestade, chuva, cheias...

Resultado, não conheci a Nova Zelândia e passei o tempo todo no hotel. Lembro-me de estar no hotel a ver televisão e começam a entrevistar pessoas por causa do temporal. Entrevistaram um agricultor, que se põe a dizer que é uma desgraça, que o rio lhe entrou pela quinta dentro, que lhe levou tudo, que lhe levou as vacas... Depois falam com um pescador. O pescador diz que tal coisa nunca tinha acontecido, era uma situação inédita, que tinha pescado uma vaca. E nós, na vida, perante qualquer situação, podemos ser a pessoa que pesca a vaca. Esta é uma das histórias das palestras motivacionais. Porque é isso que devemos querer ser: a pessoa que pesca a vaca. Um dia estás a trabalhar, as coisas estão a correr mal, mas lembras-te disto e pensas: ‘Eu vou ser a pessoa que pesca a vaca.’”

A presença de Pedro Tochas como orador numa empresa até pode ser uma surpresa para muitos, mas não o é para quem acompanha os jornais de economia, que já falaram desta vertente do seu trabalho. E ele aponta mais duas áreas em que tem investido muito: os espectáculos de comédia — que podem ser de *stand up*, podem ser de *clown*, podem ser de teatro físico, podem misturar vários géneros, podem ser de rua ou em salas — e a internacionalização. No Melbourne International Comedy Festival, na Austrália, Pedro Tochas foi “O Palhaço Escultor”, onde representa um palhaço temperamental que, enquanto vai fazendo malabarismos e esculturas em balões, constrói uma história de amor em que os protagonistas/vítimas são os espectadores. Antes de partir para o estrangeiro, Pedro Tochas ofereceu o espectáculo aos fãs e encheu o auditório do Cinearte numa noite de ambiente que alcançou níveis sonoros de euforia e hilariedade a lembrar concentrações em jogos de futebol. O público dele gosta dele. Acompanham-no há anos. Parece uma relação de amizade que se vai estendendo no tempo, alimentada por essa descontração que o cabelo, também temperamental, caracteriza.

Hoje, Pedro Tochas tem uma *mailing list* de mais de oito mil pessoas que acompanham a sua actividade através da *newsletter* que ele vai escrevendo. Some-se a estes as relações via Twitter e Facebook. Esta facilidade de comunicação e de exposição não denuncia um começo tímido, que marcou a primeira versão de personagem que criou. Este pormenor acaba por ser marcante do percurso que fez. “Nos primeiros espectáculos de rua, descobri que ou falas

O HUMORISTA LUSO PARTICIPOU DURANTE CERCA DE UM MÊS NO MAIOR FESTIVAL DE COMÉDIA DA AUSTRÁLIA, EM MELBOURNE. UM JORNAL LOCAL GOSTOU TANTO DA SUA PERFORMANCE QUE LHE CHAMOU “O MELHOR PALHAÇO DO MUNDO”

TOCHAS
NÃO SE
PREOCUPA
COM A
EXPOSIÇÃO
AO RIDÍCULO



PAIXÃO É PRECISO

A paixão por aquilo que se faz. Este é o tema que persegue Pedro Tochas. É sobre isso que quer falar nas palestras de motivação que dá nas empresas. É uma questão que o lança num discurso entusiasmado e imparável. “Adoro conversar com pessoas que falam com paixão das coisas que fazem. Aprendi isso nos tempos da Universidade de Coimbra, em que ia para a Associação Académica e encontrava pessoal de todas as áreas, desde o teatro de vanguarda, do pingue-pongue, da dança contemporânea, da filatelia, do cinema... Ficávamos todos a falar, cada um com a sua paixão. Também acho que não perdi o deslumbramento infantil. Não sou cínico, não tenho aquela atitude ‘já vi’. Acho muita graça ir ver um filme de ficção científica e no fim ouvir alguém dizer: ‘Que pena, tem naves a mais.’ A ficção científica nunca tem naves a mais! Não há número limite! Ou será que há? Tem de ter seis?... Se tiver sete já não vale a pena? É como no filme ‘O Senhor dos Anéis’, em que ouvi o seguinte comentário: ‘Aquilo era muita fantasia...’ Claro! Claro! Claro que era muita fantasia! Não era um telejornal! Era ‘O Senhor dos Anéis’! Também tem a ver com aquelas pessoas que dizem que não têm nada para fazer! Como é possível?! Há tanta coisa para fazer! Livros para ler que te levam para mundos maravilhosos! Jogos para jogar! Culturas para conhecer! Países para visitar, filmes pornográficos para ver...” E aqui interrompemos o seu raciocínio com uma pergunta: “Filmes pornográficos? De que tipo?” E ele retorna: “Gosto de coisas bem feitas. Num determinado momento, pensas: ‘Agora apetecia-me ver quatro anões e uma loura.’ Vais à Internet e descobres que existem entradas para ‘quatro anões e uma loura’. É maravilhoso. Alguém se lembrou disso antes e vai partilhar contigo! É como dizer: ‘Quero ver um gajo a fazer sexo com uma cadeira.’ De certeza que encontras na Internet. A atitude que se tem é: ‘Há ali, e eu vou ver.’ E isto é lindo nos tempos que correm!” São tudo formas possíveis da paixão. **C.G.**

muito alto ou é melhor não falares. Nessa altura, esta personagem era mais tímida, era um bocadinho envergonhada, não era tão expansiva como agora. Por isso, decidi ir para a mímica. A personagem entretanto desenvolveu-se, e, quando comecei a fazer *stand up*, as pessoas diziam que preferiam os espectáculos de mímica, porque ainda estava um bocadinho atrapalhado.” Hoje, quem o vê em cena dificilmente vislumbra vestígios dessa atrapalhação. Em “O Palhaço Escultor” quis “brincar ao faz-de-conta”. Na verdade, é o que faz habitualmente em cada nova peça. Mas o que é específico desta é a revisitação de uma atmosfera de filme mudo, cheio de exageros e gestos delirantes, “para as pessoas voltarem a brincar, entrarem em contacto com um lado lúdico da vida”. Mas cada espectáculo tem um ponto de partida diferente. No anterior, por exemplo, a que chamou “Já Tenho Idade para Ter Juízo”, o mote foi-lhe dado pela experiência das palestras, quando um amigo lhe fez um comentário: “Isto está tão mau e tu fazes palestras de motivação para empresas... Porque é que não fazes um espectáculo para motivar os teus fãs?”

Qualquer que seja o género do espectáculo, a exposição ao ridículo não preocupa Pedro Tochas. É mais importante um certo jogo que faz com aquilo que define como “a mentalidade portuguesa”: “Desejo de homogeneidade, vontade de não dar nas vistas, não se destacar dos outros.” A ser assim, a resistência a esta lógica é a maior crítica social que transporta para palco, sem medo do que possam dizer dele. Pedro Tochas não leu o livro de José Gil “Portugal, Hoje — O Medo de Existir”, mas o desenho que faz do país está próximo do do filósofo: “Isto tem a ver com o chamado povo cinzento. Não é tanto cinzento, é mais um povo que não quer dar nas vistas. Tenho pensado nisto e acho que pode ter surgido da herança cultural dos tempos da PIDE, do medo de haver alguém que denuncie alguma coisa que se fez ou se disse. As pessoas habituaram-se a passar o mais discretamente possível.”

Esmiçar os processos criativos de Pedro Tochas conduz-nos para imagens invulgares. É fácil imaginá-lo às voltas em casa, a pegar em objectos e móveis, a experimentar que habilidades desconcertantes pode fazer com eles. Pelo menos no que diz respeito aos espectáculos de técnica de palhaço e malabarismo. Em “O Palhaço Escultor”, um dos momentos mais surpreendentes é o do jogo com uma vassoura, em que ele lança a vassoura de uma mão para a

outra, fazendo-a suspender no ar, criando a ilusão de um momento mágico a partir de uma ideia aparentemente simples. Pedro Tochas lembra-se de uma primeira experiência, ainda em casa dos pais, em que foi apanhado com um balão no nariz: “O que faço é brincar com os objectos e ver o que aquilo dá. Há uns anos, estava no estúdio que tinha em casa dos meus pais a tentar equilibrar um balão no nariz. O meu pai chega-se à porta e diz-me: ‘Ó Pedro, anda aqui ajudar-me.’ Eu respondo-lhe: ‘Ó pai, estou aqui a trabalhar.’ Ele entra, olha para mim e diz: ‘Vá lá, anda aqui ajudar-me, estás aí com um balão no nariz...’” Foi o mesmo que aconteceu com a adaptação que fez da técnica de malabarismo com o diablo (composto por dois pauzinhos e um fio e com um objecto no meio a rodar), que aprendeu a fazer com uma tampa de panela. Fez diante de amigos. Recordar-se das reacções de desconfiança, dos comentários de que era uma parvoíce, mas que lhe deram razão quando o incluiu no espectáculo “Work in Progress”. Mas nem sempre é assim. O que ele gosta mesmo é de contar histórias, e são estas que criam a unidade de tudo aquilo que se passa no espectáculo. Há muitas piadas que ele vai colecionando no computador ou num caderno e que mais tarde larga em cena. “As piadas experimento com os amigos. Lembro-me de uma piada e pumba, é logo em casa a ver se resulta.”

Agora, está em fase de colecção de novas ideias para o espectáculo que pretende estrear em 2011. Mas ainda este ano, em Outubro, pretende fazer partilhas de material inacabado com público em Lisboa e Porto. Uma espécie de espectáculo em risco de falhanço, porque não vai estar concluído. Faz tudo parte dessa confiança que tem vindo a construir com o público que o acompanha. Como essas sessões que já fez no passado em que se disponibiliza a responder a qualquer pergunta da audiência. Sem limites nem pudores. Por exemplo: “Qual foi a situação mais embaraçosa que já te aconteceu?” A resposta que deu vale apenas para o dia em que deu: “Uma vez conheci uma rapariga a seguir ao espectáculo e fomos ao hotel. Estávamos lá, começou a surgir um ambiente entre nós... mas eu esqueci-me que gasto muita energia no espectáculo. Entretanto, adormeço e quando acordo está ela a vestir-se.” Ele explica que esta partilha é a base do seu trabalho. “É importante que a pessoa que vá ver pense, pelo menos: ‘Não sei se isto aconteceu ou não, mas com o Pedro era possível.’” **A**